

Início da formação de químicos industriais no Brasil

Beginning of the training of industrial chemists in Brazil

Ladário de Carvalho

Químico Industrial, um dos nove formandos da primeira turma (1922) do curso de química industrial da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, que colou grau em janeiro de 1923

Resumo

Este trabalho resgata a publicação original de 1979^{*}, a partir das lembranças de seu autor, a rotina da primeira turma de químicos industriais da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, e a primeira a colar grau no país (janeiro de 1923). Ao lado de uma perspectiva sonhadora com a nova profissão, o texto assinala também as dificuldades pelos químicos industriais recém-formados.

Palavras-chave: química industrial; Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária; químicos industriais

Abstract

This work republishes the full original version published in this Journal in 1979^{*}, based on the author's recollections. It describes the routine of the first group of industrial chemists at the Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, and the first to graduate in the country (January 1923). Alongside a dreamy perspective with the new profession, the text also points out the difficulties faced by newly trained industrial chemists.

Keywords: Industrial chemistry; Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária; industrial chemists

No ano de 1919, o Brasil seguia placidamente o seu destino. O Rio, uma cidade de pouco mais de 700.000 almas, tinha aspecto encantador; existiam no seu solo somente 4.000 automóveis e caminhões; apenas dois ônibus faziam a Avenida Rio Branco, da Praça Mauá ao Obelisco; os bondes, muito limpos; quando havia temporada no Teatro Municipal ou no Lírico, os que se destinavam àquelas casas de diversões, tinham os seus assentos encapados de branco, que o carioca muito jocosamente apelidou de “bonde de ceroulas”.

Estávamos transpondo a “bela época”; a vida era pacata e muitíssimo agradável.

Assim que conheci a Cidade Maravilhosa. Estudava preparatórios em Ouro Preto; passando pela terra carioca, em uma de minhas idas para a ex-capital de Minas, resolvi por aqui ficar e não mais sair. Estava terminando os meus exames parcelados, precisava tomar uma diretriz firme e segura, relativamente a carreira que deveria seguir.

Nessa época, era comum os grandes jornais da cidade tecerem comentários ou publicarem na íntegra os discursos dos Srs. Deputados sobre questões palpitantes e de interesse para o país.

Desses discursos, principalmente, aqueles que tratavam de questões técnico-econômicas tinham a minha preferência. Os deputados Ildefonso Simões Lopes e Cincinato Braga focalizavam em várias oportunidades, o estudo e a formação de químicos, como necessidade imperiosa para o nosso desenvolvimento; de tal modo foi tratada no Congresso a questão, que veio, sem dúvida, lançar-me em direção a essa futura e belíssima carreira, a Química Industrial, que nunca me arrependi em tê-la abraçado.

Presidia os destinos da nação o austero Dr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro; como vice que era do falecido presidente Rodrigues Alves, esteve apenas cerca de um ano no governo, sendo em seguida, eleito Presidente da República o Dr. Epitácio da Silva Pessoa, que se encontrava, nessa época, na França, chefiando a nossa delegação à Conferência da Paz, em Versailles, e, entre os seus assessores, achavam-

se os notáveis engenheiros patrícios Pandiá Calógeras e Pires do Rio.

Por essa ocasião, a química alemã estava no auge; as suas últimas proezas haviam empolgado o mundo e mostrado a necessidade de incrementá-la no Ocidente. Daí não ter escapado ao espírito arguto de Epitácio Pessoa e aos seus auxiliares imediatos, a necessidade de, aproveitando a estadia na Europa, colaborar com o Congresso e Governo na elaboração de leis e regulamentos para a implantação do estatuto da Química no Brasil.

Foram os Drs. Pandiá Calógeras e Pires do Rio encarregados de apresentar um trabalho nesse sentido, e isso foi feito nos moldes dos cursos da Escola de Física e Química de Paris.

Chegando ao Brasil o Dr. Epitácio Pessoa e assumindo a Presidência da República, convidou para Ministro da Agricultura o Dr. Ildefonso Simões Lopes, que com o tino de grande administrador que era encarregou o engenheiro Thomaz Magalhães Gomes, notável professor da Escola de Minas de Ouro Preto, de estruturar os cursos de Química Industrial, o que foi feito.

Pode-se afirmar: no Congresso e no seio do Governo, foi o Dr. Simões Lopes, homem dinâmico, entusiasta estimulador da criação e execução dos cursos de Química Industrial no País; muito lhe devemos nós os Químicos Industriais do Brasil.

O Congresso autorizava o Poder Executivo, Lei n.º 3991, de 5/1/1920, a instalar 9 cursos: em Belém do Pará, Recife, Bahia, Ouro Preto, Belo Horizonte, Rio, Estado do Rio, São Paulo e Porto Alegre. Todos esses cursos estavam subordinados ao Ministério da Agricultura, através da verba orçamentária.

Nessa ocasião, a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária sediava-se na Alameda São Boaventura, em Niterói. Era também detentora de um dos cursos e havia notícia de que de que seria o primeiro a iniciar-se; estávamos em princípio de 1920.

Diante dessas circunstâncias e de ser, também,

a referida Escola pertencente ao Ministério da Agricultura, não tive dúvidas; atravessei a baía e rumei para o bairro do Fonseca.

Na Escola. Procurei falar ao seu Diretor. Fui introduzido em seu gabinete, ainda me lembro, pelo, então, escriturário, Sr. Edmundo de Viveiros Coqueiro, que substituíra o secretário Quintão; fui recebido fidalgamente pelo professor Freitas Machado, que, à época, exercia interinamente a direção da Escola e efetivamente a direção do curso de Química Industrial.

Com inesquecível ardor, estimulou-me ao estudo da Química Industrial. Saí dali convencido, de tal modo, que seria químico, certamente, e logo ficaria rico Dias após a essa entrevista com o Diretor, compareci à Escola com a documentação exigida, pedi inscrição aos exames regulamentares à admissão ao curso. Isto feito, solicitei matrícula no primeiro ano.

Aqui há um fato, para mim, histórico: chegamos à Secretaria da Escola eu e o colega Luiz Candido Mendes de Almeida; ele se apresentou primeiro ao guichê, e eu em segundo, de forma que o seu cartão de matrícula foi o número 1 e o meu o número 2.

Como nosso curso de Química foi o primeiro a iniciar-se no país, as nossas matrículas, conseqüentemente, foram as primeiras do Brasil. Agora, aconteceu que o meu colega, lá pelo 2.º ano, resolveu não prosseguir, passando a matrícula n.º 1 um do Brasil, por ordem, a me pertencer.

Assim, iniciamos as nossas aulas com os saudosos e notáveis professores: Cassiano Gomes, Freitas Machado e Dias da Cruz, já falecidos, e outros: Paulo Gans, Aníbal Bittencourt, Antônio Barreto e Arquimedes Pereira Guimarães; destes, alguns, ainda em plena atividade no ensino, como o ilustre Diretor da nossa Escola, professor Aníbal Bittencourt e os outros brilhando na Administração Pública e na Indústria.

A nossa turma, ou seja, a primeira do curso de Química Industrial da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, era constituída dos seguintes alunos: Arnaldo Augusto Ador, Ataliba Lepage, Ida de Oliveira Ramos, Jaime Sampaio Marsillaci, José Maria Vila Lobos, José Dubeux Leão, Ladário de Carvalho,

Odoacre Romano e Pedro Lins do Prado, sendo de se anotar, que, ao iniciarmos o curso, éramos ao todo 17 e ao terminar, apenas 9 os acima citados.

Os nossos trabalhos de laboratórios e aulas começavam às 8 horas da manhã e terminavam oficialmente às 5 horas da tarde, mas era comum às 7 horas da noite, ainda se encontrar um ou outro colega no Laboratório.

Almoçávamos na própria Escola ou nas imediações.

Tínhamos no meio do ano exames duríssimos; quem não os transpusesse não faria os exames do fim de ano.

Os nossos professores e seus assistentes, também, tinham tempo integral; permaneciam todo o dia ao nosso lado, quer dando aulas teóricas, quer ministrando seus ensinamentos diretamente nos laboratórios. Era, positivamente, um prazer a nossa convivência com os professores: assemelhava-se a uma família, mas muito unida.

Providência importante, que não posso deixar de relatar, foi a atuação do Diretor Parreiras Horta, pelo seu prestígio, e Professor Arthur do Prado, pelo seu dinamismo, que, no decorrer de nossos estudos, na reforma da Escola que se deu naquela época, fizeram o nosso curso ficar fazendo parte integrante da E.S.A.M.V.; isto foi, sem dúvida, uma vitória imensa para o ensino da Química no País.

Como todos sabem, pouca vida tiveram os outros cursos; em tempo relativamente curto, foram todos extintos. Somente o nosso resistiu em face de já ser parte de um todo de uma Escola, não simplesmente anexo às várias escolas Politécnicas do país, como eram os outros.

O nosso curso só se separou quando da reforma, que transformou a antiga Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, em três outras distintas: Escola Nacional de Química, Escola Nacional de Agronomia e Escola Nacional de Medicina Veterinária.

Como se vê, o nosso curso com a sua organização inicial ficou por longo tempo sendo o único

abrigo para os que desejavam estudar Química Industrial. Os dois professores Parreiras e Prado, acima citados, proporcionaram um bem extraordinário ao país, evitando a interrupção do ensino da Química Industrial, pois, apesar da extinção dos outros cursos, ficou na Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária o elo vivo do ensino especializado da Química, que se projetou para o futuro da Escola Nacional de Química.

Terminamos o curso em dezembro de 1922, exatamente há 40 anos, ano do Centenário da Independência do Brasil. Colamos grau em janeiro de 1923, no Palácio das Festas da Exposição Internacional. Foi uma cerimônia pomposa e ao mesmo tempo penosa, pois as três turmas colaram grau juntas: Agronomia, Veterinária e Química, todas com seus oradores e paraninfos. Para encurtar conversa – só o nosso orador, o colega José Maria Vila Lobos, falou cerca de duas horas; foi um custo fazê-lo parar.

No dia seguinte à nossa colação de grau, não posso deixar de recordar do *suelto* do “Estado de São Paulo”, em que, numa série de elogios, nos chamava de bandeirantes de um mundo que íamos desbravar e que seríamos por esse fato heróis, pois éramos portadores de diploma de uma carreira sem limites. Sem dúvida, muito nos animaram suas considerações e jamais esqueceremos, porque aquelas ponderações nos vieram em ocasião muito oportuna.

Agora, vamos lembrar um pouco da entrada por nós na vida prática.

O desconhecimento da profissão de Químico no Brasil era absoluto; ninguém a acreditava; pessoas mais ou menos de nosso nível social indagavam: “Mas essa carreira é como farmácia?” A indústria nem por sombra nos queria ver; daí, podem calcular o que encontramos pela frente.

Mas, o fato mais triste de nossa iniciação na vida prática foi uma visita que fizemos ao Instituto de Química. Compareceu toda a turma recém-formada. Acompanhada de nosso paraninfo, Professor Paulo Gans, que, por sua vez, era muito amigo do Dr. Mario

Saraiva, Diretor do referido Instituto.

Fomos recebidos pelo então Diretor, que nos convidou a entrar para o seu escritório e daí, conversa vai, conversa vem, só faltou nos bater; disse, entre outras coisas, que “nós nem para lavarmos vidros servíamos, pois em três anos nem isso se poderia aprender; que éramos uns aventureiros, pois, na Alemanha, o Químico tinha que estudar 16 anos e ele como ex-assistente do professor Fischer, podia bem atestar, além de outras coisas que o resto da turma poderá lembrar.

Diante disso, qual o nosso raciocínio? Ora, se um tão importante Laboratório do Estado, por sinal do próprio Ministério da Agricultura, como nossa Escola, e seu Diretor nos dizia tudo aquilo, que nos poderia esperar a vida prática? Bem podem avaliar o desânimo que se apoderou, naquele instante, de todos nós.

Mas, posso afiançar que aqueles momentos foram terríveis para nossas almas jovens, mas tudo foi rápido, momentâneo mesmo, pois nossos destinos não estavam e nem estariam a mercê de ninguém, porquanto tínhamos confiança em nós e na nossa profissão, a bela carreira que havíamos escolhido.

Agora, uma ressalva: descrito o que realmente se deu, devo, em seguida, esclarecer:

O ilustre Dr. Mario Saraiva era uma belíssima pessoa, mas, às vezes, tinha atitudes, como a que atrás relatamos, que nem sempre exprimiam o seu modo de pensar e atuar. Ele tornou-se, mais tarde, um grande amigo da nossa classe, quer como professor notável e brilhante, que foi da nossa Escola, quer na sua vida pública ou particular.

Aí por volta do ano de 1926, fui convidado pelo Dr. Saraiva para trabalhar com ele no Serviço de Controle da Manteiga, nessa ocasião, afeto ao Instituto de Química. Por causas de que não me lembro, não pude aceitar. Depois de compreendê-lo melhor, fiquei também, sendo seu amigo e admirador, e cuja morte muito senti.

Assim, após este pequeno relato do início do estudo da Química Industrial, quero informar o que se passou com nossa turma.

Havendo o professor Arquimedes Pereira Guimarães sido convidado para um serviço importante na Bahia, exonerou-se da Cadeira de Química Industrial, e, em seguida, o colega Ataliba Lepage foi indicado para substituí-lo; José Dubeaux Leão seguiu para sua usina de açúcar, em Alagoas; Ida de Oliveira Ramos foi aperfeiçoar-se na Suíça, onde faleceu; Odoacre Romano seguiu para Campinas, sua cidade, não mais deu notícias e consta haver falecido logo após sua formatura; Jaime Sampaio Marsillac, ferido numa das revoluções que se deram no país, faleceu; José Maria Vila Lobos foi para o Pará, e não mais se soube do seu paradeiro, parece ter também ter falecido; Arnaldo Augusto Ador e Pedro Lins do Prado ingressaram no Ministério da Agricultura, onde fizeram boa carreira; eu, após terminar o curso, fui dar assistência a meu pai em sua fazenda; voltando à Química em 1929, fui convidado para dirigir tecnicamente uma fábrica de artefatos de borracha no Rio; em 1934 ingressei no Instituto Nacional de Tecnologia; fui, 1942, para a Comissão de Controle dos Acordos de Washington chefiar o seu serviço técnico; em 1946 fui nomeado Diretor da Divisão Técnica do Departamento Federal de Compras, onde há mais de 16 anos ininterruptos exerço esse cargo.

Em linhas gerais foi o que aconteceu com nossa turma.

As outras turmas dos outros cursos de Química produziram técnicos brilhantes; para não citar muitos, apenas direi que delas fizeram parte Sylvio Fróes

Abreu, Walmir Augusto Teixeira de Carvalho, Rubem de Carvalho Roquete, Paulo Berredo Carneiro; e da segunda turma do nosso curso posso lembrar os colegas: Carlos Eugenio Nabuco de Araújo, Paulo Barbosa, Hernani Ebecken de Araújo, Taygoara Fleury de Amorim e muitos outros, todos em altas posições, quer no seio do Governo quer na vida Industrial ou ainda na Administração de grandes empresas.

A prova da eficiência dos nossos cursos de Química Industrial são os profissionais que acabei de citar, que deles provieram e estão brilhando no cenário de nossa pátria.

Nota do Editor: Este trabalho foi escrito em 1962. Foi entregue pelo autor, Ladário de Carvalho (1899-1977) ao então editor (e fundador) desta revista, Jayme da Nóbrega Santa Rosa, na noite de 18 de junho de 1976 (quando se comemorava solenemente o Dia Nacional do Químico), com o pedido de ser publicado mais tarde, bem mais tarde, como contribuição à história da química no Brasil. Pouco tempo depois, Ladário de Carvalho falecia. Agora, o artigo é divulgado, tanto pelo valor intrínseco, como para atender ao autor e por homenagem ao químico que, com finura e boa capacidade de observação, apreciou os primeiros tempos da profissão química em nosso país.

NOTA DE RODAPÉ

^Ano 48, número 561, janeiro de 1979, p. 10-13.